

“EU SOU NO NORTE, HOJE CANTO A MINHA SORTE*”: OS FLUXOS, MOVIMENTOS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA QUADRILHA JUNINA EM SOBRAL/CE

Thiago Silva de Castro**
Wenderson Silva Oliveira***

Resumo

Com olhos voltados aos fluxos culturais das/nas quadrilhas juninas em Sobral/CE, espaço de aprendizagens não formalizados e complementares à escola, este artigo procura discutir os processos de socialização da juventude participante do movimento quadrilheiro. Amparados pela literatura que pesquisa com/nos cotidianos, tentamos captar as mais fugazes situações de sociabilidades e como *lócus* para nossa observação e conversas, acompanhamos os *encontros-partilhas* na/da *Quadrilha Estrela do Luar*, na mesma cidade citada acima. Nosso objetivo é, portanto, tentar estruturar e descrever uma identidade específica, não estanque, aquela que se refere à juventude quadrilheira de um modo geral.

Palavras-chave: Juventude. Quadrilha Junina. Cotidiano. Educação.

INTRODUÇÃO

*Venha festejar com emoção
Entregar seu coração
O “arraiá” “tá” enfeitado,
Vem comemorar!
Sinta a magia do São João
Que se espalha no salão
Com a minha Estrela do Luar,
Vem ser meu par!
[...]
Vamos na saudade embarcar
Tantos anos de arriaiá
Nessa festa vamos celebrar
Siga a vibração, sinta o calor!
Nessa história de amor
Seja estrela que eu serei luar*

Não é leviano afirmar que o Brasil – como um todo – é um país que abriga uma diversidade de fluxos culturais e movimentos infinitos. Assim como as regiões que subdividem o espaço geográfico guardam traços tão singulares que, para serem discutidos, precisam ser olhados por meio das meticulosas lentes que podem (ou não) captar seus

* Neste texto, tanto no título principal quanto nos subtítulos, usaremos partes de músicas que fazem parte do repertório quadrilheiro em apresentações. Isso se aplica na epígrafe utilizada, de autoria de membros da equipe musical da *Quadrilha Estrela do Luar*.

** Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sociólogo da Prefeitura Municipal de Forquilha/CE. E-mail: <thiagonoda@hotmail.com>.

*** Mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: <musica_wenderson@hotmail.com>.

úberes átomos. Os olhares múltiplos tentam captar as mais fugazes situações, que se desfazem e (re)fazem à medida que os fluxos culturais e os contextos sociais se movimentam. Para nós, que estamos ligados ao universo das práticas educativas, a efemeridade e as insurgências dos sujeitos educativos não só querem dizer muita coisa sobre eles, mas também, dizem muita coisa sobre nós (FERRAÇO, 2003). Acreditamos, assim como Victorio Filho (2005), que a luta por um lugar melhor para todos faz com que voltemos nossas leituras de mundo para a urgência de compreender (ou apreender, segundo ele) as tramas, meios, engendramentos, encontros e desencontros das práticas que envolvem e transpõem o *aprenderensinar*¹.

Assim, nossas lentes registram neste artigo as quadrilhas juninas da cidade de Sobral, estado do Ceará, especificamente os movimentos de sociabilidades juvenis e os fluxos culturais tecidos nesses ambientes. Como *lócus*, discutimos essas sociabilidades na Quadrilha Estrela do Luar, que, desde 2003, se configura como um ponto em que esses fluxos e urdiduras de saberes são (com)partilhados. O que nos chama atenção ao pesquisar com/nas quadrilhas juninas é a escassez de trabalhos acerca delas, é possível – e até comum, se assim podemos dizer – encontramos escritos voltados à análise de assuntos de cunho basicamente folclorista que se ligam a uma visão romantizada das práticas da chamada *cultura popular*. Acreditamos que os motivos disso podem estar relacionados ao fato de muitos enxergarem somente o lado lúdico desse tipo de grupo, que está diretamente ligado ao lazer, diversão e entretenimento de seus participantes, dificultando uma observação mais geral, que abranja outros aspectos da dinâmica social de tais grupos e dos movimentos de tessituras de saberes e sociabilidades.

É importante registrar que, neste trabalho, entendemos a quadrilha junina como um significativo movimento de *ensinoaprendizagem* na cidade de

Sobral, compondo uma singular prática educativa complementar à escola. Mesmo que aqui nosso olhar esteja focado nas sociabilidades juvenis, ainda pautamos nossa compreensão nos fluxos de saberes não institucionalizados, ou seja, nas dinâmicas de conhecimentos que são tecidos *foradentrofora* das escolas públicas cearenses. A quadrilha é uma extensão da escola e a escola, a extensão da quadrilha. Não é possível – para não falar *faccioso* – desintegrar esse conjunto, de modo que estaríamos restringindo as aprendizagens somente aos ambientes formalizados, desconsiderando a realidade de outros *espaçostempos* educativos, como quando pensamos na educação cearense, por exemplo.

A quadrilha junina, como espaço de arte integrada, é um sítio da educação em arte, para a arte e com a arte. No momento dos encontros entre jovens, acontecem inúmeras (com)partilhas de saberes, desse modo, como nos diz Victorio Filho (2005, p. 51), “a estética é um elemento central nas práticas cotidianas, especialmente nas formas de viver dos jovens”. Entendemos que a quadrilha junina é uma extensão da escola justamente por a enxergarmos como uma estética de resistência, que quebra os movimentos retrógrados educacionais que elegem uns e marginalizam outros em detrimento de uma corrente de pensamento decrépita, a qual, ao chegar em nossas escolas, germina uma onda de manifestações (pre)conceituosas que cristalizam uma visão estética, descartando e criminalizando aquilo que não é produzido nos espaços instituídos e outorgados como legítimos da produção artística (VICTORIO FILHO, 2008).

Desse modo, o que nos chama atenção, e também se constitui como uma motivação para escrever este trabalho, é o fato de perceber a quadrilha junina como uma prática fortemente relacionada à juventude, tendo nela a principal fonte de manutenção de sua prática. Diferente dos discursos ligados às manifestações folclóricas, à dita cultura popular ou ao patrimônio,

que tendem – na maior parte das vezes – a tratar tais fenômenos como *antiguidades* que precisam ser *preservadas*, ou como costumes que são passados pelos mais velhos às gerações mais novas, a quadrilha junina tal como nos foi possível observar, se destaca justamente por ser uma cultura juvenil, falando de modo mais geral. Ela existe porque a juventude a protagoniza: esses/essas jovens praticam e (re)inventam seu formato, tecem e (com)partilham suas redes de saberes (ALVES, 2001).

1. E “VIVA SÃO JOÃO!”: ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE OS FESTEJOS JUNINOS

A quadrilha junina é uma manifestação que está incluída numa série de costumes e práticas folclóricas referentes às festas juninas, as quais se tornaram populares no Brasil, sobretudo na região Nordeste do país, como realizações feitas para homenagear os três santos do mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro – principalmente São João, devido à importância católica de seu nome dentro da história bíblica. Apesar de ser considerada uma manifestação popular, típica do folclore brasileiro, a quadrilha, outrora, já foi uma dança nobre, que animava as festas nos célebres palácios:

Quadrilha. Dança palaciana do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, preferida por toda a sociedade. Foi popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformada pelo povo, que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco pares, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões. (CASCUDO, 2001, p. 547).

As quadrilhas juninas, assim como outras expressões culturais, são grandes representantes da cultura nordestina, visto que sua popularidade parece bastante expressiva nessa região. Mas é preciso frisar que os grupos juninos, assim como os festivais de

quadrilhas, existem em várias regiões do Brasil, como Sudeste e Centro-Oeste, por exemplo. A origem dessas festas juninas (ou joaninas) em nosso país se confunde com a sua própria história, haja vista que constituem uma manifestação que se estruturou ao longo do tempo a partir da fusão de elementos advindos da Europa que foram somados às práticas de outros povos que ajudaram a constituir o Brasil. O nome “joanina” é originário das festas católicas da Europa, tendo sido substituído para “junina” já em território brasileiro.

Conforme Chianca (2009), com a chegada da família real ao Brasil em 1808, a corte portuguesa trouxe na bagagem seus hábitos festivos, que influenciaram as celebrações urbanas já praticadas em solo brasileiro, inclusive as de cunho religioso. Junto com a família real vieram músicas, a prática de soltar fogos de artifício e danças de salão, sendo a quadrilha a mais conhecida delas. Vale ressaltar que com o próprio início da colonização, muitos costumes comemorativos e religiosos vieram para o Brasil muito antes da corte portuguesa chegar em seu território, tendo exercido influência sob a população que já habitava o lugar.

A autora nos chama atenção para o fato de que, com o fim do regime imperial no Brasil, os hábitos – inclusive festivos – da corte foram perdendo espaço entre as classes tidas como nobres. Desse modo, com a chegada da república, a quadrilha perde força nos meios urbanos, sendo apropriada em localidades rurais, passando a ter como protagonistas, ao invés de nobres e elegantes casais, os rurícolas, ou melhor, os homens do meio rural. É assim que os hábitos que costumam ser vinculados aos moradores do campo assumem um papel de centralidade nos festejos dos santos juninos, chegando a ser exagerados e convertidos em estereótipos. Apropriada de tal forma, a quadrilha passa a ser dançada para homenagear os santos, bem como representar uma maneira de agradecer e festejar as boas colheitas referentes àquilo que foi plantado na roça.

Como dissemos anteriormente, as festas juninas – das quais as quadrilhas fazem parte – são altamente populares nas práticas culturais nordestinas no Brasil. O Ceará, estado no qual focamos nossos olhares neste artigo, também se encontra influenciado por esses fluxos culturais, pelas práticas e folguedos que dizem respeito a esse período festivo. São muitos os costumes das festas juninas praticados no Ceará, mas, de todos, a quadrilha junina talvez seja o que mais se destaca. Não somente porque configura um elemento da cultura junina do território cearense, mas, ao que tudo indica, pelo que esse tipo de grupo parece representar para o estado no que se refere às competições das quais participa no país, bem como pelo “atrativo da cultura local” que retrata. No próximo item, veremos as práticas e os fluxos culturais do universo junino na cidade de Sobral, região norte do estado do Ceará.

2. “VEM DANÇAR SÃO JOÃO, VEM PRA CÁ!”: AS FESTAS JUNINAS EM SOBRAL/CE E A QUADRILHA ESTRELA DO LUAR

Sobral é uma cidade fundada em meados do século XVIII ao norte do estado do Ceará, com pouco mais de 200 mil habitantes. De períodos chuvosos e secos, clima semiárido, é, atualmente, um dos mais desenvolvidos municípios da região nordestina do Brasil. O Festival de Quadrilhas, promovido e organizado pela Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer o Festival de Quadrilhas, é o principal acontecimento junino do município. Por meio de uma competição, “incentiva” às mostras quadrilheiras, visando, conforme Castro (2012), apropriar-se, com olhares voltados às políticas públicas, das manifestações culturais. Sobre essa apropriação, fazemos coro às palavras de Mira (2006):

[...] as disputas em torno do “popular” ou do “folclórico” parecem deslocar-se, em grande parte, da esfera do debate político e da ocupação de um

espaço no aparelho estatal para a esfera econômica, incluindo a disputa por verbas públicas, palco de uma luta feroz pela sobrevivência. (MIRA, 2006, p. 355).

É bem verdade que, diante de tal situação, o fator econômico tem cada vez pesado mais para os grupos de quadrilha junina (assim como outros grupos de fluxos culturais populares), a ponto de se verem dependentes dos incentivos financeiros fornecidos pelas políticas públicas do setor cultural, concedidos pelos municípios ou através de editais baixados com base em leis voltadas para essa área no Estado. Considerando o caráter mercadológico que as práticas artístico-culturais têm assumido, tem se tornado cada vez mais difícil realizar esse tipo de trabalho sem os incentivos. Sendo assim, os grupos terminam por entrar numa verdadeira luta pela sobrevivência, pois sabem (pelo menos assim se supõe) que sua manutenção se encontra cada vez mais dependente de todo esse sistema estruturado pela chamada indústria cultural.

A boa fase do movimento junino na cidade de Sobral durou, mais ou menos, até meados da década de 2000, embora nessa época já não existissem tantos grupos como nas primeiras edições do festival de quadrilhas, que se iniciou no ano de 1997. Desde então, o número de quadrilhas tem diminuído bastante, assim como o número de participantes das que ainda restam. Em Sobral, já houve quadrilha com quase quarenta pares, hoje chega a ser muito difícil montar um grupo com apenas vinte.

É importante lembrar que estamos tratando de um campo específico, que toma como foco o contexto da manifestação quadrilheira como parte de uma política pública voltada para a valorização e expressão do patrimônio imaterial brasileiro, e que se volta mais especificamente para um âmbito “competitivo” e “expositivo” da cultura em questão. Desse modo, o que está sendo analisado aqui é um contexto simbólico

que diz respeito somente aos grupos que participam de “competições”, seja em Sobral ou em outras localidades. É provável que existam muitos grupos de quadrilha espalhados pelo território sobralense que não participem do festival da cidade, mas a intenção aqui é demonstrar que, antes, o acesso desses grupos que não possuem um caráter tão “profissional” ao Festival de Quadrilhas de Sobral, por exemplo, provavelmente fosse maior. Talvez porque nenhum grupo tivesse chegado ainda à padronização “exigida” hoje. Sendo assim, é provável que seja mais adequado afirmar – para um maior esclarecimento do leitor – que a “crise” aqui referida se liga a esse movimento de quadrilhas “profissionais”. A manifestação ainda existe, mas, hoje, essa diferenciação entre o “profissional” e o “mais simples” se encontra melhor definida – inclusive no que diz respeito aos diferentes espaços que ocupam.

No auge do São João em Sobral, as escolas públicas da cidade eram os grandes destaques no que se refere ao incentivo à quadrilha junina dentro desse universo competitivo. Uma parcela significativa delas possuía seu grupo representante, fato que garantia a grande participação de quadrilhas no festival da cidade. Os grupos quadrilheiros que não pertenciam a uma instituição de ensino eram minoria. Campos (2007, p. 5), em relação aos festejos juninos – dos quais as quadrilhas são parte –, afirma que a escola, hoje, permanece sendo uma das principais disseminadoras de tais fluxos culturais, ainda que tenda a reproduzir os estereótipos em relação ao ambiente rural de que falamos outrora:

[...] numa época em que a forma de administração torna-se sistêmica, ou seja, em que as escolas tornaram-se parte de um conjunto de elementos e instituições da sociedade que estão dinamicamente relacionados entre si (Chiavenato, 1993), as festas juninas passaram a ser uma das formas de inserção e diálogo da instituição escolar na comunidade para a qual ela existe. Em algumas cidades, atualmente, as escolas são os únicos locais onde as festas juninas ainda são realizadas, uma vez

que elas desapareceram até de muitos clubes. [...] Os alunos e as alunas que frequentam o ensino básico são incentivados a comparecerem nas festas “fantasiados” de caipira. (CAMPOS, 2007, p. 5)

Destacamos que o autor se refere à realidade do estado de São Paulo, destacando a escola como reprodutora de preconceitos em relação ao homem do campo, bem como uma das poucas instituições que comemoram essa festa lá. Em Sobral, elas também possuem essas características, mas no que diz respeito à quadrilha junina, especificamente, dentro de tais instituições, ela já teve mais força do que hoje, sobretudo se levarmos em consideração o período que se inicia em 1997, com a criação do festival de quadrilhas. Nas primeiras edições do evento, as escolas praticamente protagonizavam o evento com suas quadrilhas representantes. Atualmente, as festas juninas – assim como o Carnaval, o Natal, dentre outras comemorações – ainda são lembradas nas escolas públicas de Sobral, mas a quadrilha, que antes tinha um papel de destaque justamente por participar do festival (que, desde sua criação, passou a ser o maior evento da cidade nesse período), parece ter perdido um pouco de sua notoriedade. Ela ainda existe, mas apenas para compor o “ambiente temático”, que as escolas estruturam em suas “comemorações juninas”.

A maioria dos grupos juninos que se destacam hoje na cidade teve sua origem dentro de uma escola (inclusive a Estrela do Luar – grupo pesquisado). E aqueles que não surgiram dessa forma são frutos de quadrilhas infantis, que com o passar do tempo se estruturaram e tornaram-se adultas – lembrando que, em grande proporção, essas quadrilhas mirins também faziam parte de escolas. Tanto estes como aqueles construíram uma base para que pudessem continuar seus trabalhos. Base esta que aos poucos está se desfazendo. Basta conversar com quem coordena ou já coordenou um grupo de quadrilha no município de Sobral para perceber que a opinião quanto a essa afirmação é quase unânime. Todos esses dirigentes de grupos juninos, ou pelo menos

parte significativa deles, começaram a dançar quadrilha incentivados pela escola em que estudaram. Quando o assunto é esse, muitos concordam que as escolas eram as grandes responsáveis por garantir a manutenção do movimento junino na cidade, coisa que hoje não acontece mais, ou não ocorre da mesma forma que antes. Portanto, este fato conversa com nossa proposta ao escrever essas linhas, que é caminhar no sentido contrário da legitimidade e da institucionalização como único recurso e fonte de aprendizagem, enxergando na educação não formalizada um campo fértil às tessituras de conhecimento em/com arte.

A quadrilha “Estrela do Luar” foi fundada no dia 26 de maio de 2003, a partir da iniciativa de jovens da comunidade do bairro Dom Expedito, no município de Sobral. Inicialmente, o grupo era totalmente infantil, só abrangia crianças de idades que variavam de 8 a 13 anos, e estava diretamente vinculado à “Escola Mariano Rocha”, que na época funcionava como anexo na Escola Sinhá Sabóia, na referida comunidade, tendo lá surgido. Nos anos de 2006 e 2007, a quadrilha, ainda com o título de grupo infantil, começou a se desvincular da escola, passando a realizar um trabalho independente – fazendo apresentações dentro e fora de Sobral – o que em pouco tempo deu bastante visibilidade ao grupo, tornando-o mais conhecido e muito solicitado em eventos, não só relacionados a manifestações artístico-culturais, mas também referentes a outros segmentos.

Em 2007, após uma breve participação como convidada no Festival de Quadrilhas de Sobral, a quadrilha passou a ser muito incentivada, inclusive por pessoas que já atuavam no meio artístico-cultural da cidade, a ascender à categoria adulta (idade mínima de 14 anos, segundo o regulamento do festival de Sobral), para assim poder competir não só em Sobral, mas, futuramente, também em outras localidades da região. Foi então que, em 2008, a quadrilha Estrela do Luar fez sua estreia na mostra competitiva do Festival de

Quadrilhas de Sobral com o tema “A Feira de Caruaru: O encontro de toda nação nordestina”. A referida temática buscava prestar uma homenagem, como o próprio título sugere, a essa feira que é considerada uma das maiores manifestações culturais do país, retratando-a como um lugar onde pessoas dos nove estados do Nordeste se encontram. Mesmo sendo o primeiro ano competitivo, esse projeto colocou o grupo, em meio a quase vinte quadrilhas inscritas, entre os seis melhores colocados do evento, fazendo, inclusive, com que ele desbancasse quadrilhas consideradas “tradicionais” no município – eram grupos antigos; alguns já possuindo títulos.

Em 04 de abril de 2009, já mais estruturada, a Estrela do Luar adquiriu personalidade jurídica e passou a se chamar ACEL (Associação Cultural Estrela do Luar), procurando trabalhar, de forma secundária, além da quadrilha junina, outras manifestações artísticas, como o teatro e as danças populares. Nesse mesmo ano, a quadrilha se consagrou como uma das quatro melhores de Sobral e se tornou ainda mais conhecida na cidade e em alguns municípios circunvizinhos. Em 2010, o grupo passou a se apresentar com mais frequência em outros festivais de quadrilha da Região Norte do Ceará (que são considerados importantes), além disso, conquistara o título de vice-campeã do município de Sobral no mesmo ano, fato que ajudou a tornar a qualidade artística do trabalho do grupo ainda mais reconhecida dentro do meio quadrilheiro. Desde então, passou a ser sempre apontada como uma das favoritas dentre os grupos de quadrilha da cidade de Sobral. Foi nesse mesmo ano que o grupo se filiou à FEQUAJUCE (Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará).

A quadrilha Estrela do Luar, atualmente, é composta, em sua maioria, por jovens de variadas idades. Dentro do grupo, é possível observar pessoas com uma média de idade que vai dos 11 até 26 anos, ou até mais que isso. Considerando tal aspecto, é possível afirmar que a quadrilha se trata de uma manifestação que se

estrutura com presença significativa de jovens. Pode-se dizer que a “manifestação quadrilheira” é uma “cultura jovem”, aliás, é assim que – de forma mais geral – tal movimento é visto em Sobral: como uma espécie de “atrativo para a juventude”. É importante frisar, porém, que tal observação está pautada naquilo que observamos da realidade da cidade de Sobral. É claro que não é só jovem que dança quadrilha, mas, dentro do contexto que compõe o espaço das quadrilhas que participam de eventos competitivos o público que aparece como protagonista é formado pela juventude. Abordaremos, portanto, a quadrilha junina sobralense como espaço no qual os jovens *aprendem sinam* e socializam, um espaço que, para além da dança e das práticas corporais, educa.

3. “ESSE É O CAMINHO QUE SIGO E NÃO QUERO NUNCA MAIS PARAR!”: AS SOCIABILIDADES JUVENIS NA ESTRELA DO LUAR

Ao propormos um texto discorrendo e debatendo sobre jovens, é necessário entendermos que delimitar somente a faixa etária para distinguir o sujeito jovem é insuficiente. Em relação às fases geracionais da vida de um indivíduo, que vêm sendo cada vez mais discutidas por conta de suas variações interpretativas, Bourdieu (1983) chama atenção para a imprecisão em que consiste o termo “juventude”, comentando a respeito da flexibilidade exacerbada que gira em torno de tal conceito e dos outros que dele derivam, bem como daqueles que também estão ligados à idade de modo mais geral:

Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações. Por exemplo, Nancy Munn, uma etnóloga, mostra que em algumas sociedades da Austrália, a magia do rejuvenescimento que as mulheres velhas empregam

para reencontrar a juventude é diabólica, porque perturba os limites entre as idades e não se sabe mais quem é jovem e quem é velho. O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Como se vê aqui, idade está mais ligada a posições sociais, bem como ações e práticas específicas, do que ao tempo biológico ou tempo vivido. É como se existissem práticas e espaços sociais tidos como jovens e outros como “velhos” ou algo do tipo. “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar.” (BOURDIEU, 1983, p. 112). Sendo assim, a idade é um elemento socialmente construído, sujeito a variações tanto de ordem interna, correspondente a grupos sociais mais específicos, ou mais geral, quando se criam categorias com características generalizantes, que devem ser tomadas como modelos: “[...] há várias maneiras de ‘ser jovem’, como também de ‘ser velho’ [...] Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições e reinterpretações.” (VELHO, 2006, p. 194).

Dayrell (2003) nos mostra que, nos cotidianos em que nos inserimos, há uma gama de imagens a respeito da juventude, imagens estas que acabam por interferir em nossa maneira de compreender os jovens. Entendemos que a juventude é um período no qual há importantes mudanças biológicas, psicológicas e sociais, mas também é uma construção social – na qual rótulos e uma identidade estanca se fazem limitadores para qualquer tentativa de compreensão dos modos de se relacionar com os indivíduos e de *serestar* no mundo. “As imagens juvenis de maior relevância são seus corpos e falas geradores de imagens móveis, transitórias e transitantes de uma torrente de narrativas.” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 11).

Desse modo, entendemos que a juventude quadrilheira está *dentrofora* de diversos fluxos que compõem os variados movimentos para uma identidade ou identidades. Os fluxos culturais das quadrilhas juninas em Sobral expressam uma forma específica de *ser jovem*, principalmente nos grupos que competem em festivais. Pudemos perceber que essa maneira de *serestar* mostra a diversidade de fios tecidos na imensidão das redes de saberes tecidas nesses encontros, que podemos chamar de *encontrospartilhas*, porque, mais que uma reunião de pessoas para um resultado (a dança), neles são partilhados os mais diversos (re)conhecimentos, não há uma repetição, não há sistematização de ações (ALVES; OLIVEIRA, 2002). Em nossa interpretação, a quadrilha pode ser um espaço em que as pessoas que possuem apreço pelos festejos juninos (independentemente de qual motivação encontrem para tal apreço) podem se inserir de forma intensa dentro deles, tecendo, portanto, redes de saberes.

A juventude quadrilheira, nos efêmeros *temposespaços* dos ensaios (*encontrospartilhas*), é múltipla e diversa, (re)cria e revela (VICTORIO FILHO, 2005). No anonimato de suas ações não capitalizáveis (CERTEAU, 1995), o corpo também adquire expressões, influenciado pelos espaços em que ele se insere, ainda que isso só aconteça momentaneamente em determinados lugares. Os grupos de quadrilha junina, assim como todo o contexto em que estão inseridos, parecem representar para seus participantes uma referência social bastante relevante. Eles possuem um visível poder de envolver os indivíduos numa imensa rede de interesses, assuntos, desejos, expressões – inclusive corporais – e uma série de outras especificidades.

As quadrilhas juninas, para uma grande parcela da juventude, que com esses grupos se envolve, constituem parte ativamente integrante de suas identidades. “São poéticas que explicitam as redes de sentidos por meio das quais seus jovens autores inscrevem e descrevem suas vidas” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007,

p. 11). São, também, grupos formadores de práticas, que se utilizam de vários elementos para estabelecer características que, apesar de serem convenientes especificamente ao *contexto junino*, acabam *naturalizando* em seus participantes maneiras de *serestar* nos espaços sociais, que, de certa forma, contribuem para formação de seu repertório sociocultural prático e cotidiano e de seus fluxos culturais, que se traduzem pelo movimento de suas redes de saberes. Assim como em todos os outros ambientes nos quais se inserem em sua prática diária (família, escola, trabalho, etc.) e que, sem dúvida, exercem, de alguma maneira, bastante influência sobre seus gostos, preferências, interesses e formas desse *serestar* social, percebemos que a quadrilha também representa um fator de igual importância para seus participantes.

Não podemos afirmar que a juventude quadrilheira possui determinado tipo de imagem ou identidade que os diferencie, imediatamente, das demais pessoas. Entretanto, podemos dizer, certamente, que alguns traços de ações são constituídos a partir da inserção/imersão dessa juventude dentro do meio junino. A maioria dessas pessoas, por exemplo, tem na memória de seus aparelhos celulares uma infinidade de músicas advindas da quadrilha. No âmbito da *Quadrilha Estrela do Luar* é comum observar as pessoas recebendo ligações “embaladas” por alguma canção que compõe o repertório de uma quadrilha, seja de seu grupo² ou de algum outro da capital Fortaleza (onde se encontram a maior parte das referências dos quadrilheiros). Tais canções também estão presentes nos cotidianos dos jovens participantes, que tiram parte de seu tempo para ouvi-las. Essas músicas, em geral, focam no sentimento dos brincantes pela manifestação, do amor e dedicação necessários para fazer parte dessa festa. Da mesma forma, algumas pessoas possuem uma verdadeira coleção de vídeos de grupos quadrilheiros, seja para entretenimento nas horas vagas ou para se inspirarem no que assistem.

Esses são apenas alguns dos hábitos adquiridos que observamos nesse percurso de acompanhamento dos jovens que tem contato direto com o contexto junino. Entendemos, a partir disso, que “o trânsito das formas de ser e estar no universo juvenil traz consigo dispositivos de defesa contra ações externas que venham a representar interferências reguladoras” (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 12). Portanto, estar e permanecer na quadrilha é um meio pelo qual a juventude observada reage frente às regulações que frequentam, como a escola, por exemplo, inventando suas maneiras de fulgurar no mundo (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007). A quadrilha, como espaço de criação e tempo de descobertas, não coloca a juventude no cenário hermético, mas, sim, possibilita que sejam constantemente protagonistas dos teatros do cotidiano, fazendo com o que seus movimentos sejam profusos e seus fluxos constantes.

Ao indagarmos aos jovens sobre o motivo de estarem no espaço quadrilheiro as respostas são diversas:

Ter a oportunidade de poder mostrar uma maneira própria de ver o São João, contar com amigos para poder compartilhar ideias, estar presente na vida de pessoas especiais e ter a presença delas comigo, conhecer gente nova e acreditar que um dia tudo vai dar certo...
(V. F³. 26 anos)

Satisfação, prazer, a boa aceitação e reconhecimento do público, o fato de conhecer novos grupos e pessoas, admiração pelo trabalho das outras quadrilhas, competição, etc.
(D. S. 19 anos)

O amor pelo São João. Sabe aquela coisa de você esperar chegar o momento de ir para o ensaio, pegar seu chapéu, seus sapatos, sua anágua e dançar com o peito estufado, tendo a impressão de que com todos esses adereços ninguém fosse diferente? Participar de cada detalhe da confecção e construção, desde o tema, até a organização [...] Sorrir em cima do tablado, sempre com um sentimento que arrepia até a alma, uma “alma quadrilheira” que esbanja amor e emoção, e que jamais alguém será capaz de explicar... O amor pelo São João.
(C. R. 16 anos)

Acho que as amigadas. O ambiente da quadrilha é legal, em certos pontos.
(D. V. 17 anos)

A emoção que você recebe ao estar dançando, a paixão que criamos, os desafios que superamos, enfim, há várias coisas boas, como dançar quadrilha.
(F. D. 17 anos)

A amizade, o carinho, o afeto com alguns integrantes, o respeito da coordenação para com os brincantes e o companheirismo.
(M. R. 18 anos)

Essas respostas dizem muito sobre aquelas e aqueles que estão partilhando o espaçotemporal dos *encontrospartilhas* para tecer seus saberes e sociabilidades juvenis. A quadrilha junina, como um rico espaço educativo – que é pouco considerado e abordado em nossos discursos – não sistematiza as redes de saberes e vivências que lá são constituídas. Nesse sentido, ao pensar os cotidianos dos seus praticantes (CERTEAU, 1994) nos seus múltiplos *temposespaços*, nos possibilita ir além de uma visão cristalizada sobre o movimento como um lugar de *quem não tem o que fazer* ou um lugar no qual *a juventude utiliza mal o seu tempo ocioso*.

Quando os jovens se dispõem a dançar na *Quadrilha Estrela do Luar*, percebemos que há algo que os liga fazendo com que se tornem um conjunto, mesmo havendo divergências entre eles em determinado momento. Apesar de todos os anos várias pessoas novas entrarem na *Estrela do Luar*, parte significativa das pessoas já é veterana dentro do grupo. Essas pessoas, geralmente, são as que de certa forma mostram maior apreço pela quadrilha, tanto na fala como nas suas ações colaboradoras dentro do grupo.

A Estrela não é simplesmente uma quadrilha em que todo junho e julho você se apresenta, ela é mais que isso. O Estrela do Luar é como se fosse uma família, aqui todos se conhecem há muito tempo, todos sabem como é a quadrilha. Eu, particularmente, sou, vamos dizer, desde o começo, então assim... Eu não sei viver sem a quadrilha... Ela existe em tempo integral, literalmente, porque ela não pára.
(M., 16 anos)

Bem... As motivações que vêm a mim são as seguintes... É pelo fato de todos os dias a gente poder encontrar os amigos, se divertir... Não só dançar quadrilha, “né?!” , que também é um barato, mas eu acho que também pelo fato da gente aprender todo dia uma coisa nova... Sei lá! “Brincar”, dançar, poder compartilhar sua vida pessoal com a quadrilha, isso é muito legal... Poder interagir o grupo com a pessoa. Chega dia de ensaio que junta a galera, faz uma reunião, um “grupão”, e todo mundo fala o que gosta, o que não gosta... O grupo deixa bem claro o que quer passar, e se tem alguém que não está se sentindo bem com alguma pessoa, o próprio grupo se responsabiliza de abrir uma roda e todo mundo diz o que sente. (P., 18 anos)

individuais ao sistema social tal como funciona nas estruturas mais profundas, ou seja, nas estruturas que exprimem o sistema simbólico e cultural existente. (DUBAR, 1997, p. 55).

Nas falas demonstradas desses jovens, é possível perceber um envolvimento pessoal de tais pessoas com o grupo do qual fazem parte (a *Quadrilha Estrela do Luar*), o que, de certa forma, expressa essa adaptação delas ao ambiente no qual estão inseridas. E uma vez inseridos/inseridas dentro da formação social, essas pessoas estão sujeitas a aprender e a apreender tudo aquilo que está ligado às particularidades do ambiente quadrilheiro, o que, somado ao tempo em que passam interagindo no seu interior, contribui para a construção de uma espécie de “vínculo de pertencimento”. Nesse sentido, Claude Dubar (1997) afirma que:

Pressupondo a existência de uma cultura comum aos actores, a ação humana não é apenas interação, é também satisfação de uma necessidade que pressupõe, também ela, a existência de um corpo que lhe fornece a energia necessária para se realizar. (DUBAR, 1997, p. 50).

A quadrilha é, portanto, um espaço onde pessoas, principalmente jovens, que possuem apreço pelos festejos juninos (independentemente de qual motivação encontrem para tal apreço) podem se inserir de forma intensa dentro deles. Essa intensidade que é responsável pelas mudanças em seus corpos, em suas estetizações, conduz à resistência, como já mencionamos anteriormente. E acreditamos, assim como Victorio Filho (2008, p. 227), que “todo processo de criação estética é também produção de saberes” e, produzindo seus saberes, resistem aos lugares que outrora estiveram destinados a permanecerem – lugares inertes que não pensam a vida como obra de arte, “como prática existencial de fruição, fricção e leitura do/com o mundo, portanto, permanente aceitação de riscos, como qualquer aventura artística (VICTORIO FILHO, 2008, p.227)”.

Pelas falas dessas pessoas, confirmamos o que argumentamos acima. A quadrilha junina deixa de estar somente num recorte temporal, ela transpõe essas fronteiras mostrando-se além das práticas comuns e ordinárias, como nos diria Certeau (1994). Fazendo coro com Victorio Filho (2005), ao tentarmos analisar – se é que é possível compreender a fugacidade dos movimentos – os *encontrospartilhas*, necessitamos sempre de novas formas de percebê-los, bebendo em variadas experimentações teóricas, mas tentando estar atentos sempre aos movimentos anônimos dos escritores de nossas pesquisas, uma juventude inventiva, movediça e profusa de sensações e fluxos.

O processo de socialização, exercido tanto pela sociedade geral da qual somos parte como pelos grupos sociais menores em que nos inserimos cotidianamente de modo mais *individualizado*, está fortemente relacionado à incorporação de (ou adaptação a) determinados elementos simbólicos que caracterizam os espaços frequentados e vivenciados dentro do nosso cotidiano. Os valores, crenças e todo o conjunto de códigos e significados referentes ao grupo social são transmitidos, fazendo com que tais caracteres sejam gradualmente absorvidos pelos atores que o compõem, formando, assim, o que poderíamos chamar de socialização. Conforme Claude Dubar (1997):

[...] o processo de socialização deve normalmente conduzir à adaptação das personalidades

4. DEIXO OS VERSOS QUE ESCREVI, AS CANTIGAS QUE CANTEI... À GUIA DE UM FINAL

O melhor momento para acessar os códigos, signos e valores de um grupo social se faz, sem dúvida, através da inserção em seu cotidiano. Aquilo que vemos esporadicamente a respeito dele nos diz pouco sobre sua real dimensão. No caso da quadrilha junina dentro do contexto aqui abordado é fundamental entrar em contato com o ambiente preparatório, afinal, é nele que tudo se estrutura. Buscamos, na medida do possível, descrever algumas observações acerca da juventude inventiva inserida no universo junino, claro, nos deixando envolver, mergulhados (ALVES, 2001) nesse ambiente. Ao tentarmos falar sobre os quadrilheiros, também falamos de nós e dos processos de construção de nossas subjetividades. E já que consideramos que nenhum de nossos atos é *desinteressado*, nossa intenção, com esse trabalho, também tem algo de tentar divulgar os fluxos culturais quadrilheiros. Esperamos que outros também se interessem por esse universo e queiram conhecer mais a respeito, assim como um dia quisemos e nos deixamos envolver.

Este trabalho versou sobre a tentativa de estruturar e descrever uma identidade específica, não estanque, aquela que se refere à juventude quadrilheira de um modo geral. Tal perfil está pautado em observações diretas, que tiveram como principal campo a *Quadrilha Estrela do Luar*, mas não somente naquilo que acontece em seu interior enquanto grupo independente. Tal grupo foi tomado como pertencente a um ambiente simbólico e cultural mais amplo, que abarca outras quadrilhas e mais uma série de indivíduos que dominam determinados códigos e valores. É preciso, porém, deixar uma coisa muito clara: o “modelo sociocultural” aqui definido não toma como referência um “enquadramento” ou padronização, que tende a falsamente “homogeneizar” as pessoas e harmonizar o

social. Procuramos abandonar, na medida do possível, a ideia mais usual do termo identidade, que constrói uma imagem que, por si só, faria uma síntese dos indivíduos pertencentes a um determinado meio ou grupo, para encarar essa noção a partir do cotidiano, com todas as suas tramas, desconstruções e desdobramentos do dia a dia. O modelo imagético aqui exposto está longe de sugerir uma uniformidade entre os atores sociais, mas um conjunto de códigos e valores compartilhados por pessoas diferentes. Um texto que se refere ao social, sobretudo ao registro de uma cultura, não pode ser apreendido sob uma ótica congelada e padrão, como um quadro que tenta reproduzir numa tela uma paisagem, pois o mundo, ou melhor, as pessoas, estão sempre em movimento. Como já anunciou o escritor uruguaio Eduardo Galeano: “A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.” (GALEANO, 2009, p. 123).

“I AM IN THE NORTH, TODAY I SING MY LUCK”: YOUTH FLOWS, MOVEMENTS AND SOCIABILITIES IN THE QUADRILHA JUNINA IN SOBRAL / CE

Abstract

With eyes focused on the cultural flows of the *quadrilhas juninas* in Sobral / CE, space of non-formal and complementary learning to the school, this article seeks to discuss the processes of socialization of youth participating in the *movimento quadrilheiro*. Based on the literature that researches the everyday life, we have tried to capture the most fleeting situations of sociability. As a locus for our observation and conversations, we accompanied the encounters in the *Quadrilha Estrela do Luar* in the same city mentioned above.

Our aim, therefore, is to attempt to structure and describe a specific identity, not watertight, that which refers to the *juventude quadrilheira* in general.

Keywords: Youth. Quadrilha Junina. Daily life. Education

“YO SOY EN EL NORTE, HOY CANTO MI SUERTE”: LOS FLUJOS, MOVIMIENTOS Y SOCIABILIDADES JUVENILES EN LA QUADRILHA JUNINA EN SOBRAL/CE

Resumen

Con los ojos dirigidos a los flujos culturales de las “*quadrilhas juninas*” en Sobral/CE, espacio de aprendizajes no formalizados y complementarios a la escuela, este artículo busca discutir los procesos de socialización de la juventud participante del “*movimiento quadrilheiro*”. Amparados por la literatura que investiga con/en los cotidianos, intentamos captar a las más fugaces situaciones de sociabilidades y como locus para nuestra observación y conversaciones, acompañamos los encuentros compartidos en la/de la “*Quadrilha Estrela do Luar*”, en la misma ciudad citada arriba. Nuestro objetivo, por lo tanto, intentar estructurar y describir una identidad específica, no estanca, aquella que se refiere a la juventud “*quadrilheira*” de un modo general.

Palabras clave: La juventude. *Quadrilha junina*. Cotidiano. Educación.

NOTAS

¹ A escolha por juntar palavras não se dá ao acaso. O contato com as leituras que versam sobre cotidianos, sobretudo na corrente

de pensamento de Nilda Alves, conduzem-nos pelas estradas da inventividade que Certeau (1998) nos apresenta e, nessa direção, ao fazer essa ligadura, abrimos espaços para a polissemia, produção de novos sentidos que deslocam os já estabelecidos (GARCIA, 2012) e nos ajudam a formular novas redes teóricas, metodológicas e epistemológicas, fazendo com que novos pensamentos sejam criados em superação às dicotomias firmadas na Modernidade (ALVES, 2001). Ao se juntarem, essas palavras assumem significados diferentes daqueles de quando estavam separadas (FERRAÇO, 2003), portanto, não é somente polissêmico, é uma tentativa de aproximarmos mais dos fluxos cotidianos, não só falando deles, mas estando neles.

² Em vários grupos de quadrilha, é comum que seus integrantes músicos componham para uma turnê de festivais no ano que concorrem e se apresentam.

³ Por uma questão ética, todos os nomes foram suprimidos dos relatos orais. Essas conversas foram realizadas por um dos escritores deste trabalho, ligado diretamente à quadrilha junina. Esses relatos são de jovens que pertencem à Quadrilha Estrela do Luar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de Sociologia*. Traduzido por Jeni Vaitaman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas juninas nas escolas: lições de preconceito. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Thiago Silva de. *A força da Arte Junina: uma análise acerca dos grupos de quadrilha em Sobral/CE*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral/CE, 2012.

CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Junho de 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2425>>. Acesso em: 21 maio 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Traduzido por Annete Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Porto Editora, 1997.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Traduzido por Eric Nepomuceno. 2. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

GARCIA, Alexandra. Sentirfazerpensar: Nilda Alves e a formação de professoras e professores. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 21-34, n. especial, 2012.

MIRA, Maria Celeste. Ongueiros, festeiros e simpatizantes: o circuito urbano da “cultura popular” em São Paulo. In: FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, Luciana T.; PEIXOTO, Fernanda A. (Org.). *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: Puc Minas/Edusp, 2006.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VICTORIO FILHO, Aldo. Estéticas nômades: outras histórias, outras estéticas, outros...ou o funk carioca: produção estética, epistemológica e acontecimento. *Revista Visualidades*, Goiânia, v. 6, n. 1 e 2, p. 214-229, 2008.

VICTORIO FILHO, Aldo. *A arte na educação: a invenção da escola cotidiana*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Artistóteles de Paula. Culturas Juvenis, Cotidianos e Currículos. *Currículos sem Fronteiras*, v.7, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2007.

Enviado em 10 de fevereiro de 2018

Aprovado em 5 de abril de 2018